

ENCONTROS DE LETRAMENTOS, VIVÊNCIAS E ACONTECIMENTOS PARTINDO DO CHÃO DE PERTENCIMENTO

LITERACY MEETINGS, EXPERIENCES AND EVENTS STARTING FROM THE GROUND OF BELONGING.

Adão Fernandes da Cunha^{1,*}

Iniciando a discussão

Importa-nos aqui, para início de conversação, dizer que este trabalho pretende apresentar algumas ocorrências de ENCONTROS e choques entre culturas de letramentos a partir das vivências e acontecimentos presenciados dentro e fora do chão de pertencimento onde se vincula este trabalho que é a comunidade Kalunga Vão de Almas.

É importante destacar também de início, que ao falarmos neste contexto, em encontros de letramentos, a direção que nos é apontada é a de que há uma diversidade de culturas que é preciso levar em consideração dentro destas práticas socioletradas.

Por um lado, se vê um esforço muito grande dos letramentos culturais tradicionais de comunidades mais isoladas, por exemplo, numa tentativa de manter a essência dos letramentos numa perspectiva bidimensional de formação dos sujeitos humanos. Por outro lado, a invasão de outras práticas de culturas de letramento que ao adentrarem em territórios vizinhos, ou territórios alheios como eu diria aqui, se chocam. Isso acontece porque há uma ideologia ainda bastante “criminalista” e preconceituosa que tenta impor uma cultura sobre a outra e consequentemente, buscando a padronização das formas de letramentos.

RESUMO

Este trabalho discute as relações de conflitos existentes sobre as concepções de letramentos. Trago aqui uma nova concepção dessas práticas a partir da apresentação da ideia de encontros e choques de letramentos em contextos diversos e em contextos específicos. Apresento também a ideia de Desterritorialização e Reterritorialização de letramentos a partir de uma visão correlacionada ao distanciamento das pessoas do seu território em contato com outros territórios culturais e a retomada desses sujeitos aos seus territórios originários. Por último trago para além das duas concepções ou categorias/modelo de letramentos já apresentada por outros autores, no caso o letramento “ideológico e o autônomo” uma nova categoria/modelo de letramentos que é o modelo livre de letramentos. Esse vai discutir as formas livre e independente dos sujeitos adquirirem seu acervo letrado mesmo que seja oral sem quaisquer influências ideológicas.

Palavras-chave: Letramentos. Cultura. Identidade. Território. Diversidade.

ABSTRACT

This work discusses the existing conflicting relationships about literacies conceptions. I bring here a new conception of these practices from the presentation of the idea of encounters and clashes of literacies in different contexts and in specific contexts. I also present the idea of Deterritorialization and Reterritorialization of literacies from a vision correlated to the distance of people from their territory in contact with other cultural territories and the resumption of these subjects to their original territories. Finally, I bring, in addition to the two conceptions or categories/model of literacies already presented by other authors, in the case of “ideological and autonomous” literacy, a new category/model of literacies that is the free model of literacies. This will discuss the free and independent ways for subjects to acquire their literate collection even if it is oral without any ideological influences.

Keywords: Literacies. Culture. Identity. Territory. Diversity.

Submetido em: 02 de nov. 2022

Aceito em: 26 de jan. 2023

¹Universidade de Brasília – UNB, DF – Brasil

*E-mail para correspondência: adhaoh1989@gmail.com

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir e apresentar algumas ocorrências de encontros de letramentos, vivenciados dentro e fora da comunidade Kalunga Vão de Almas, sobretudo no âmbito da Educação do Campo que muito tem dialogado com essa diversidade cultural do nosso país. Esse é o nosso ponto referência, mas o diálogo se estende na medida em que os territórios de letramentos também vão se ampliando.

É também objetivo aqui contrapor ideias que nos ajudem a despertar a visão sobre processos de padronização dos letramentos. Tais padrões contribuem com a continuidade do preconceito linguístico e a discriminação racial, de gênero, sexo, cor, etc. tendo como suporte as escolas e não a variedade territorial como chão dos letramentos.

Parece-me oportuno frisar, que a definição de letramento não se limita na razão da aquisição dos letramentos acadêmicos, nem tão pouco na ausência deles, como o próprio Paulo Freire disse “a leitura de mundo precede a leitura das palavras”. Aqui é possível seguir uma pista de contextualização, do percurso em que tráfegará esse nosso diálogo de conversação.

Falar em *Letramentos* é abrir novas possibilidades de caminhos para a inclusão, é nos opor à concepção dominante e dicotômica entre oralidade e escrita, permitindo nos questionarmos e ampliarmos a nossa visão estreita de que a presença da escrita provoca impactos e consequências nas sociedades e nos indivíduos, suprimindo uma identidade ainda invisível.

Encontros de Letramentos

Primeiro vamos à definição do que é ou do que são os letramentos. Nos provocam para a compreensão Street (2014) de que os letramentos são práticas de construções culturais, sujeitas a variações no tempo e no espaço. O autor afirma ainda, que o(s) letramento (s) é/são uma prática(s) social(s).

O(s) letramento(s) devem ser compreendidos para além do processo de alfabetização, ou seja, “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio- históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p.20), logo, ele resulta de um processo inteiramente social, considerando não somente a codificação e decodificação das palavras, mas, para além disso, essencialmente o uso social das práticas culturais e das relações entre os sujeitos e o meio ambiente, caracterizando-se como um processo amplo que abrange posteriormente o sujeito alfabetizado, e aquele que não é alfabetizado.

Assim, notam-se duas classes de letramentos. A primeira eu diria aqui que são os letramentos de primeira ordem. Esses explicitamente são caracterizados pelos sujeitos não alfabetizados ou até mesmo alfabetizados, mas que a sua “leitura de mundo” precede a leitura da escrita.

Como exemplo, eu apresento aqui o conhecimento dos povos kalungas, sobretudo os mais velhos que embora não tenham o domínio da leitura e da escrita, mas sabem tudo sobre as fases da lua, tempo de chuva, plantação, colheita, etc. lembremos aqui também sobre o domínio/conhecimentos desse mesmo povo sobre o uso das ervas medicinais no combate à diversos males e doenças. Os saberes e fazeres sobre o cultivo da agricultura de subsistência, sobre as práticas do extrativismo vegetal entre muitas outras. Esses são apenas alguns exemplos que trago para instigar o pensamento sobre o que de fato são os letramentos.

Esses letramentos de primeira ordem, ainda dentro de um processo de invisibilidade, encontram-se ainda hoje em uma disputa buscando o seu reconhecimento e valorização como primordial na formação dos sujeitos do campo e no desenvolvimento das chamadas ciências.

A Licenciatura em Educação do Campo- LEdoC, tem se desafiado e nos desafiado enquanto sujeitos desses territórios de letramentos culturais e tradicionais a desmontar essa arquitetura do uso dos letramentos como reduto de escolarização, nos fazendo entender nossas próprias raízes e a importância que nossos letramentos socioculturais ao longo dos tempos contribuíram para a evolução das ciências do letramento acadêmico.

Com isso, sobre essa visão, entende-se que o letramento pode ser caracterizado como estado ou condição no exercício das práticas sociais do letramento escolar, mas não somente, também de quem participa de eventos onde estas práticas de leitura e escrita se integram e fortalece a interação entre as pessoas fazendo com que esses sujeitos interpretem as formas como que se interagem. Assim, esse entendimento amplia a visão de letramentos que vai para além da escola e dos espaços frequentados por pessoas escolarizadas.

Podemos pensar então sobre os conhecimentos de primeira ordem numa infinidade de possibilidades de letramentos, visto que os mesmos têm como base um território, um povo e uma cultura.

Já a outra classe ou segundo grupo de letramentos, os quais chamo aqui de letramentos de segunda ordem, estão associados à codificação ou decodificação das palavras, ou seja, se associa a questão estritamente da leitura e escrita das mesmas. É a coisificação das práticas de letramento como limite das relações humanas e sociais.

Os letramentos de segunda ordem, assim, têm se esforçado para ocultar os de primeira ordem com suas formas de discriminação e exclusão nos eventos de letramentos por exemplo. Mas a grande questão é que o segundo não existe dissociado do primeiro.

Então aqui vemos um primeiro encontro de letramentos, quando os de segunda ordem se encontram com os de primeira ordem ou vice-versa.

Dessa forma, e sobre as perspectivas de Wilson (2012) discutindo a Diversidade da Vida, estamos também provocando o pensamento e a discussão sobre a diversidade de letramentos. É essa diversidade que nos conduzirá para os encontros de letramentos tal qual proposto para essa discussão e vivenciado no contexto da Licenciatura em Educação do Campo.

Falar em encontros de letramentos é falar em encontros de culturas. Por isso, a definição do que são os letramentos está muito além da ideia das práticas de leitura e escrita escolar. Reduzir o nosso entendimento sobre os letramentos apenas como uma prática desenvolvida na escola é reforçar as práticas de exclusão, do preconceito e da discriminação sobre os diferentes sujeitos e culturas.

Sobre os efeitos cognitivos do letramento e dessa visão dicotômica entre fala e escrita, ou entre o pensamento e a ação, entre a razão e a emoção, a concepção dominante que reduz o letramento a um conjunto de capacidades cognitivas, segundo a mesma, os níveis de letramentos podem ser medidos nos sujeitos. Street (2014) denominou tal modelo interpretativo de “autônomo”. Expressões comuns como “grau de letramento”, “nível de letramento” ou “baixo letramento” revelam essa concepção autônoma, centrada no sujeito e nas capacidades de usar apenas os textos escritos. (p. 9)

As instituições, o texto, os sujeitos são tratados de forma homogênea, independentemente do contexto social. Isso nos faz entender o porquê da concepção de letramentos apenas como práticas de leitura e escrita.

No entanto, as discussões propostas por Street (1984, 38-39) mostram que os sujeitos estão imersos a um “armazém de conceitos, convenções e práticas”, ou seja, vivemos práticas sociais concretas em que diversas ideologias e relações de poder atuam em determinadas condições, especialmente se levarmos em consideração as culturas locais. Assim, em oposição ao modelo autônomo de letramento, o autor acima referido defende um “modelo ideológico” para compreender o letramento em termos de práticas concretas e sociais. Ou seja, os letramentos como produtos da cultura, da história e dos discursos. (2014, p. 9).

Esse tipo de encontro de letramentos pode se dar de duas maneiras distintas: a) entre duas culturas diferentes; b) entre uma mesma cultura. No primeiro caso podemos pensar, por exemplo, em um evento de letramentos ou em práticas de letramentos, onde há uma diversidade de pessoas alfabetizadas ou não, mas que conseguem estabelecer uma comunicação, um diálogo, cada qual com o seu repertório linguístico.

No segundo, podemos exemplificar aqui as ocorrências de manifestações culturais tradicionais na comunidade Kalunga com a presença apenas de membros da comunidade. Isso é por sinal um encontro entre letramentos de primeira ordem.

Sobre práticas e eventos de letramentos, Street (2014) disse:

Para descrever a especificidade em lugares e tempos particulares, tenho considerado útil empregar o conceito de “práticas de letramento”, que é um desenvolvimento do conceito de “eventos de letramentos” de Heath (1982). Para este autor, “eventos de letramento” se refere a qualquer ocasião em que um trecho de escrita é essencial à natureza das interações dos participantes e seus processos interpretativos. (HETH, 1982 in STREET, 2014, p. 18)

Ainda de acordo com os autores supracitados, o conceito de “práticas de letramento” se coloca num nível mais alto de abstração e se refere igualmente ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita. Enquanto as práticas de letramentos incorporam não só “eventos de letramento”, como ocasiões empíricas às quais o letramento é essencial, mas também modelos populares e culturais desses eventos e as concepções ideológicas que os sustentam.

Descreve Street (2014, p. 18):

Eventos de letramento são atividades particulares em que o letramento tem um papel; podem ser atividades regulares repetidas. Práticas de letramento são modos culturais gerais de utilização do letramento aos quais as pessoas recorrem num evento letrado (BARTON, 1991: 5 in STREET, 2014, p. 18).

Street (2014, p 19) ressalta ainda que “o letramento é visto como prática comunicativa” o que nos leva a compreensão da diversidade de falares existentes em contextos distintos. Os Kalungas, por exemplo, apresentam em suas práticas comunicativas uma linguagem própria que faz com que haja uma interação e uma organização local por meio dela.

Esse tipo de abordagem nos permite compreender os letramentos como prática social em que leitura e escrita são atividades fundamentalmente sociais que sinalizam usos específicos de linguagem – textos falados e escritos – não existem isoladamente, mas estão ligados ao que as pessoas fazem; ligados à suas culturas e práticas cotidianas, no mundo material, social e cultural dos sujeitos.

Então, os encontros de letramentos são também uma possibilidade de diálogo entre culturas, o que Catherine Walsh (2012) chamou de interculturalidade. Nestas mesmas perspectivas eu introduzo o conceito de Interletramento

que é possibilidade de diálogo entre os letramentos, tanto entre letramentos de primeira ordem com signos mesmos e com os de segunda ordem e vice-versa.

Desterritorialização e Reterritorialização de letramentos;

Primeiro vamos entender o conceito de desterritorialização ou desterritorialidade, bem como também de reterritorialização.

É bem provável que a explicação que tenho para estes dois conceitos já seja conhecida. Mas, vale lembrar, que eles estão ligados à retirada do direito dos povos tradicionais aos seus territórios originários e ao mesmo tempo a luta desses povos para retomada destes direitos. Essa questão não será aprofundada aqui.

O que gostaria de apresentar de fato é uma breve passagem de como esse movimento de luta muda em muitos casos o modo de organização das comunidades e as suas formas de letramentos.

Neste sentido, a desterritorialização é a retirada dos povos dos seus próprios territórios, enquanto a reterritorialização, como o próprio nome nos diz, é uma (re)tomada destes povos ao território. Digo mais, todas as questões culturais, sociais, linguísticas etc., estão ligadas ao território. Para tanto, se há uma desterritorialização dos sujeitos automaticamente há uma desterritorialização também dos letramentos do mesmo.

A ideia de desterritorialidade e de reterritorialidade também está associada não somente à questão da perda e da conquista dos direitos ao território, à Terra, mas também à questão da insegurança e insustentabilidade que os mesmos por vezes apresentam fazendo com que haja um esvaziamento do campo pela pressão capitalista, principalmente por parte da juventude que vai em busca de empregabilidade.

Frente a estas duas trilhas de pensamento sobre desterritorialização e reterritorialização, é possível, por exemplo, que de um lado haja uma introdução forçada de formas de letramentos engessados nas comunidades remanescentes. Por outro lado, a desterritorialização dos letramentos originários devido a essa nova introdução.

Então, a desterritorialização dos letramentos é compreendida de uma perspectiva também da fragmentação, fragilização e própria da perda da cultura local. A reterritorialização, é, portanto, um resgate à cultura e a valorização dessa identidade tanto territorial, cultural e social de um povo.

Ampliamos ainda a nossa compreensão sobre estes dois conceitos quando, por exemplo, um jovem Kalunga deixa a sua comunidade e muda para a cidade grande, onde existe uma predominância de um modo diferente de falares. Há uma tendência muito forte desse jovem se desterritorializar da sua raiz cultural e distanciar da sua cabeça, da sua mente, do seu pensamento e da sua prática de comunicação nesse novo ambiente os letramentos de primeira ordem que são os seus letramentos da comunidade de origem.

E, quando esse jovem retorna a sua comunidade de origem, ou seja, se reterritorializa depois de algum tempo, é notório que existe entre ele e a comunidade um esforço em estabelecer um diálogo. De um lado a tentativa do jovem em reterritorializar suas falas com os letramentos originários das pessoas que ainda estão ali, de outro, a comunidade se esforçando com a desterritorialização dos seus letramentos no estabelecimento do diálogo com o próprio jovem da comunidade.

O modelo livre de letramentos

Para fechar a ideia de encontros de letramentos apresento aqui uma nova possibilidade de modelo de letramentos. Diferentemente do modelo autônomo representado nos trabalhos de J. Goody e I. Wtt (1968), W. Ong (1982) entre outros apresentados na obra “Letramentos Sociais” trazido por Street (2014) em oposição ao anterior, existe a meu ver um terceiro modelo de letramentos que é o modelo **livre de letramentos**.

Eu diria aqui que esse terceiro, abarca tanto o autônomo como o ideológico sem precisão de distinção. Pois, deve ser livre a introdução dos letramentos à vontade dos sujeitos em ter mais ou menos domínios de letramentos.

Todavia, o modelo livre de letramento tem uma proximidade muito grande do modelo ideológico, mas ele vai muito mais além, pois pensar e propor um modelo como fez Street (2014) et al, mesmo ele sendo o ideal para que as pessoas possam entender sobre os diversos modelos de letramentos não abarca talvez o conjunto de diversidades dentro de uma mesma cultura ou em culturas distintas.

Com base no exposto, o termo autonomia ajudará aos sujeitos a buscarem nos dois modelos anteriores a sua capacidade de letrar-se. E, ao buscar essa capacidade há uma iniciativa livre de letramentos que pode ser entendida como modelo para tal. As vivências nas comunidades tradicionais nos possibilitam vivenciar esse modelo livre de letramentos.

Considerações

Como já disse Santos (1940) “é preciso renovar as teorias críticas e reinventar a emancipação social”. Com isso, considero que as ideias aqui apresentadas sobre encontros de letramentos nos revelam uma nova maneira de pensarmos em uma sociedade de fato inclusiva. Que respeite não apenas a diversidade de falares, mas a própria vida dos sujeitos de fala.

Todavia, essa discussão não teve fôlego para aprofundarmos sobre todos os campos dos letramentos. Ressalto que o feito até aqui foi com o intuito de provocar os sujeitos a pensar sobre algumas práticas de letramentos, em particular os letramentos de primeira ordem que se encontram sob potencial de ameaças, tanto preconceituosas e discriminatórias como também da extinção desse jeito diferente de dar sentido às coisas.

Uma última consideração eu diria aqui, que este trabalho suscita ainda mais a possibilidade de diálogos interculturais como potencialidade de resgate dos valores e da própria identidade cultural e social como diria Catherine Walsh (2012) em a “Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas”. Falar em interculturalidade e decolonialidade de saberes é falar das possibilidades de transgressão das nossas lutas e da direção que estamos apontando para o futuro da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosana Sarita de. **Letramento Digital: conceitos e pré-conceitos**. Universidade Federal de Pernambuco-Recife/PE Anais Eletrônicos. 1ª ed. 2008. 2º simpósio, Hipertexto e Tecnologias na Educação- Multimodalidade de Ensino.

GOODY, J. **Literacy in Tradicional Societies**. Cambridge University Press. _ . (1977) *The Domestication of the Savage Mind*. Cambridge University Press. (1968).

ONG, W. **Interfaces of the Word**. Ithaca: Cornell University Press. _ . (1982^a) *Orality and Literacy*. Londre: Methuen. _ . (1982^b) *Literacy and Orality in Our Times*. Pacific Quartely Moana, vol. 7, n. 2.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 1940. **Renovar a teoria critica e reinventar a emancipação social** / Boaventura de Sousa Santos ; tradução Mouzar Benedito. - São Paulo : Boitempo, 2007.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Brian Street: tradução Marcos Bagno – 1^a ed- São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B. V. (1984) **Literacy in Theory** and Practice. Cambridge University Press. _ . (1988) *Literacy Practice and Literacy Myths*. In: R. Saljo (org) *The Written World*. Berlin/Nova York: Springer Press.

TFOUNI, Leda Verdiane. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de)colonialidad**: Perspectivas críticas y políticas¹. *Visão Global*, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012.

WILSON, Edward O. **Diversidade da Vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.